

“DESCONSTRUIR UM TEXTO PARA RECONSTRUÍ-LO, ADAPTANDO-O A OUTROS CONTEXTOS CULTURAIS E LINGÜÍSTICOS E DAR-LHE NOVA VIDA E COMPREENSÃO É UMA EXPERIÊNCIA ÚNICA”

Entrevista com **Safa Jubran**¹²

Revista Malala [RM]

Professora Safa, é um prazer tê-la conosco como entrevistada para esta edição da Revista Malala. Esse número é um dossiê produzido pelo grupo de pesquisa em tradução Tarjama (FFLCH/USP/CNPq), do qual você é membro fundadora, e se compõe por uma coletânea de contos árabes traduzidos pela primeira vez ao português. Gostaria de começar pedindo que você apresentasse um pouco o Tarjama a nós, desde quando ele existe, como é o trabalho dos tradutores e que tipo de produções vêm sendo feitas.

Safa Jubran [SJ]

Agradeço à Revista Malala por receber os nossos contos. É uma honra para nós. O Tarjama nasceu há mais de 12 anos, da vontade, então despretensiosa, de alguns professores e alunos de árabe do Departamento de Letras Orientais interessados em tradução literária do árabe para o português. Inicialmente foi um espaço e um tempo em que se tateava desvendando os textos e descobrindo os desafios. Quanto a mim, eu queria que o grupo funcionasse como uma escola, no sentido de ter uma turma que depois de um tempo de treino, se “formaria”, abrindo espaço no grupo para outros. De fato, foi isso que aconteceu, mesmo que parcialmente, porque podemos dizer que o grupo ainda conta com alguns

1 Mestre e Doutora em linguística, é professora livre docente na Universidade de São Paulo, onde leciona língua árabe desde 1992. Autora de “Árabe e português: Fonologia Contrastiva com Aplicação de Tecnologias Informatizadas” (Edusp, 2004). Traduziu para o português vários livros do árabe, entre eles: “Miramar”, de Naguib Mahfuz, “Tempo de migrar para o norte”, de Tayeb Salih, “Porta do Sol”, “Yalo” e “Meu Nome é Adam”, de Elias Khoury, “Chamado do poente”, de Gamal Ghitany, “Memória para o esquecimento” e “Diário da tristeza comum”, de Mahmud Darwish, “Arador das águas de Hoda Barakat e “Detalhe menor”, de Adania Shibli. Entre as obras que verteu ao árabe, estão o romance “Dois irmãos”, do escritor brasileiro Milton Hatoum, “Água viva” e “Perto do Coração Selvagem”, de Clarice Lispector. Recebeu em 2014 o prêmio de tradução pela Academia Brasileira de Letras e em 2019 o Prêmio Sheikh Hamad Award for Translation and International Understanding.

2 Entrevista conduzida em 9/5/2025 por Natalia Calfat, cientista política e editora executiva da Malala – Revista Internacional de Estudos sobre Oriente Médio e Mundo Muçulmano.

de seus membros formadores. Eu os chamo de o núcleo duro do grupo. A impressão que tenho é que os membros se sentem à vontade nesse grupo, que se tornou um espaço familiar, onde se lida com estranhamentos.

Em nossas primeiras reuniões, em 2013, eu sugeri a escolha de contos, bem breves (*qisas qasira jiddan*), comuns na produção literária árabe e assim, fomos engatinhando, até passar para uma segunda fase, em que os contos escolhidos eram mais longos e onde todos trabalhavam no mesmo texto. A partir daí, e conforme o grupo foi se sentindo mais seguro, diversificamos nossas atividades, tornando o grupo de fato uma oficina de tradução. O grupo trabalha com textos de prosa, em geral breves, por isso a insistência em contos, embora tivéssemos trabalhado um ano inteiro na tradução de uma novela, que está pronta para ser publicada. Passados esses anos todos, atualmente o grupo conta com alunos de graduação e pós-graduação, bem como membros titulares — incluindo mestres e doutores, e mesmo em nível de pós-doutoramento. Sempre deixamos um espaço aberto a quem se qualifica, ou para quem tem vontade de observar o grupo. Desde a pandemia, reunimo-nos quinzenalmente às sextas-feiras. Ainda é preciso frisar que muitos dos integrantes têm outras traduções publicadas.

RM

Especificamente sobre essa coletânea publicada na Malala, como foi o processo de seleção, tradução, investigação e interpretação dos contos? Conte-nos um pouco sobre a relevância deles ainda hoje — considerando os diferentes recortes temporais — e como eles conversam entre si.

SJ

Gostaria inicialmente de destacar que o objetivo primeiro do Tarjama — cujo nome significa *tradução* em árabe — é a troca de experiências e a discussão das escolhas tradutórias, cientes que não há uma tradução definitiva ou única do mesmo texto. Quanto aos textos que formam a coletânea, ora publicada por Malala, foram escolhidos por gosto ou interesse pessoal de cada membro. Em uma reunião cada um justificou a escolha de seu conto e depois, dependendo do tamanho do conto, foi designado um número de encontros necessários para cada tradução. Nesses encontros, o responsável pelo conto trazia sua tradução, apresentava a todos, colocava suas dúvidas e compartilhava com o grupo suas escolhas, que eram discutidas e comentadas pelos pares. Quando a discussão se dava por encerrada no grupo, abria-se um canal direto entre o tradutor e seu revisor (que é também um membro) e após as revisões e, eventualmente algumas sugestões, era devolvido para o tradutor para o aceite ou não das observações. Desta forma, cada um dos membros traduziu um conto e revisou outro. Essa dinâmica revelou-se profícua e valiosa, além de semelhante à dinâmica editorial em si, a ponto de repetirmos o modo de trabalho este ano, embora os textos que estamos por traduzir se

diferenciam dos aqui apresentados por terem sido escritos por jovens alunos de escrita criativa em língua árabe da Universidade Americana de Beirute, e não por escritores experientes como veremos aqui. Para nós, no grupo, todo texto literário é relevante. Alguns dos textos presentes nesta edição da Malala são deste século, outros, do século passado. Alguns são de autores renomados, outros, menos conhecidos, mas todos refletem de alguma forma o período a que pertencem, seja seu ambiente social ou o momento histórico. O primeiro artigo, de autoria de Jemima Alves e Felipe B. Francisco, faz referência ao possível diálogo entre eles.

RM

É bastante significativa a valorização do texto literário em si, na medida em que sua relevância está na sua própria existência – sem a necessidade de cumprir funções ou fornecer respostas. Gostaria de falar um pouco sobre os desafios da tradução propriamente dita, sobre as escolhas que o tradutor ou tradutora se vê obrigado a fazer, as variedades (ou limitações) de tempos verbais existentes, de termos, a presença ou ausência de dialetos e expressões regionais e a dose em que o tradutor imprime sua autoria no trabalho. Em texto para a Editora Tabla, você afirma que o tradutor é também protagonista, celebrando a ‘infidelidade’. Me refiro ao artigo “É bom ser infiel! É muito bom trair!”. Isto é extremamente bonito e provocador — suponho que um tanto libertador também! —; mas pouco visto do lado de cá, ou seja, do leitor de obras literárias que não está lendo só o autor ou autora, mas também o tradutor e a tradutora. Quais os limites dessas ‘reelaborações’ ou ‘manipulações’?

SJ

Falar sobre desafios, escolhas, reelaborações e manipulações, transporta-me direto para um livro, de Alberto Manguel, escritor, tradutor e ensaísta argentino. Trata-se de uma pequena porém preciosa coleção composta de 44 notas ou “variações” sobre o tema tradução e a arte de traduzir. Numa dessas notas, ele diz mais ou menos o seguinte: um texto está em um estado constante de instabilidade. Ele fica preso dentro das margens da página, até que os leitores o libertem, permitindo que ele habite os mundos imaginários deles. Suas fronteiras se tornam uma extensão da compreensão e criatividade do leitor. Segundo Manguel, da perspectiva do tradutor, o texto pode se transformar em qualquer coisa: a prosa pode se tornar poesia, o discurso político pode virar narrativa fictícia, a narrativa fictícia pode se transformar em um estudo teológico, as memórias pessoais podem se tornar história oficial, e a história oficial pode se tornar uma narrativa simbólica. O leitor (ou tradutor) transforma o texto continuamente, camada por camada, como uma pele que se renova. Assim, o tradutor é aquele que substitui um estado de instabilidade por outro. Portanto, as escolhas do tradutor nunca podem ser definitivas ou categóricas (tradução livre a partir do árabe)³.

3 Manguel, A. *Fann Attarjama*. Tradução do Inglês ao árabe por Malik Salman. London, Dar Al Saqi, 2024.

O texto a que me referi sempre vem à mente quando sou perguntada sobre desafios e escolhas, porque traz à tona toda essa instabilidade envolvida no processo de traslado de um estado instável a outro. Desde o mito da torre de Babel, a multiplicidade de línguas fez com que o homem dependesse da tradução e essa atividade foi se desenvolvendo ao longo dos tempos mostrando sua importância. Assim, estudiosos de todas as épocas elaboraram teorias, discutiram conceitos, pontuaram técnicas, mas essa atividade ou arte continua resistindo a categorizações. Tal constatação nos impede de reduzi-la a técnicas e “receitas” de um fazer que é, antes de tudo, um desfazer, com a intenção de chegar a um refazer. A tradução é uma atividade criativa, que se realiza normalmente em silêncio, de forma discreta, quase “secreta”, e por isso não lhe é dado o prestígio que merece. A expressão consagrada “*Traduttore traditore*” exprime não só a ideia de traição do tradutor em relação ao autor, mas também se trata de um juízo de valor sobre o resultado prático dessa traição, como também observa Manguel. Em todo caso, no que se refere a mim, naquele momento, foi pensando em tudo isso que disse “É bom ser infiel, é muito bom trair”, porque uma tradução “correta” ou “fiel”, no caso da tradução literária, leva, invariavelmente a resultados desastrosos, e arrisco a dizer que esses “traidores” são os melhores e mais atentos leitores da obra que traduzem e seus mais profundos conhecedores, mais do que o próprio autor porque para traduzi-la tiveram de desmontar a obra, de dissecá-la implacavelmente. Neste sentido, esse conhecimento profundo da obra que o tradutor tem acaba lhe conferindo — a meu ver — o direito de ser um cúmplice, uma espécie de coautor e, portanto, de expor sua criatividade tanto quanto fez o autor. Esta relação que descrevo aqui não pode prever limites, por isso não gosto de pensar em classificar traduções em “boas” e “ruins”. Um texto é bom ou ruim independente se escrito nessa língua ou reescrito em outra.

Isso tudo em termos gerais. Quando entramos na especificidade de cada texto, essas negociações práticas entre duas ou mais culturas e variedades de registros se tornam mais desafiadoras e, aqui, a meu ver, jaz o prazer de se estar envolvido e enredado por esse diálogo que, muitas vezes, coloca o tradutor em apuros, em situações sequer pensadas pelo autor e muito menos percebidas pelo leitor. Por exemplo, como fazer quando uma língua distingue gêneros e a outra não; quando uma língua se contenta com a existência de um “tio”, mas na outra é preciso saber se é paterno ou materno; ou quando um personagem resolve se expressar por meio de falas regionais? Assim, não é possível prever quais serão os desafios, pois cada livro oferece os seus — inéditos muitas vezes. Desconstruir um texto para reconstruí-lo, adaptando-o a outros contextos culturais e linguísticos e dar-lhe nova vida e compreensão é uma experiência única. Por isso, eu chego a conceber a tradução como a arte de revelar detalhes e minúcias que o texto original ocultou.

E aqui vou retomar uma belíssima observação de Manguel “a tradução lembra aos leitores que não há uma leitura ‘correta’. Todo texto literário surge em um momento para depois entrar em um estado de dormência ou numa forma de germinação adiada, até que um leitor venha e o traga de volta à vida. Mas é uma vida que reflete a diversidade da

experiência e da compreensão únicas do leitor”. Chamo ainda a atenção de que onde se lê “leitor” leia-se também “tradutor” e onde se lê “leitura”, leia-se também “tradução”, o tradutor de um texto é seu melhor leitor e muitas vezes, seu melhor escritor.

RM

Quantos desafios que se colocam à frente do tradutor e que o leitor nem chega a tomar conhecimento – é bastante adequada a imagem de ‘invisibilidade’ que você menciona. Queria também lhe perguntar sobre essa grande versatilidade que é traduzir do árabe ao português, mas, igualmente, verter do português ao árabe. Você é uma das poucas figuras capazes de trabalhar nas duas direções. Por que isso é tão raro e difícil? Você consegue traçar paralelos e diferenças em cada desafio?

SJ

Essa coisa que você chama de versatilidade para mim é um navegar perigoso, cheio de surpresas e imprevistos, ao mesmo tempo que é uma provocação, e isto é o que me move desde o início. Eu não entrei nesse mar como parte de um plano ou de um sonho. Uma série de conjunturas me levaram a me aventurar nele. Durante uma década, traduzi mais de 10 obras literárias, mas nunca me via, nem me apresentava, como tradutora profissional. Tratava-se de uma atividade que caminhava à margem da minha carreira na universidade. Passado esse tempo, fui aos poucos percebendo que eu aceitava traduzir porque queria me desafiar, queria saber se conseguia recriar um texto escrito na língua que aprendi quando criança —o árabe— em uma língua que aprendi quando adulta —o português—, na qual habito e considero minha casa. Eu só fui me reconhecer como tradutora quando a Tabla, editora então recém-criada, me convidou para fazer parte de seu projeto. Um pouco antes disso, recebi uma proposta de traduzir um romance brasileiro para o árabe. Até então, só tinha vertido o romance *Dois irmãos*, de Milton Hatoum, que fiz a pedido do próprio autor, munida da coragem dos jovens. Mas a proposta da editora árabe me deixou num impasse: seria eu capaz de voltar a habitar naquela primeira língua, pelo menos por um tempo, e aprender a transitar entre as duas casas? Aceitei o desafio, pensando que seria por uma única vez e depois voltaria a “escrever” os livros de literatura árabe em português.

Desculpe me alongar neste preâmbulo, pois só consigo falar disso se for através da minha própria experiência. Não sei como é para outros que traduzem em duas direções. Eu conheço muitos tradutores e tradutoras, tanto aqui como no mundo árabe, mas que traduzem de ou para o árabe. Uma vez perguntei a um deles, (que traduz do espanhol e do português), se ele traduziria um livro do árabe para essas línguas. Sua resposta foi categórica que não. Porque não se sentiria “em casa”. Foi ali que percebi que estava fazendo algo não muito comum, morar em “duas casas”, e que isso, consciente ou

inconscientemente, não deixa de ser um contínuo diálogo entre elas, e ininterruptas tentativas de acalento para meu espírito errante entre línguas e culturas.

De fato, traduzir nas duas direções é raro. Tentando responder sua pergunta de forma objetiva, eu diria que alguns fatores acabam contribuindo para isso: **a)** O domínio profundo de ambos os idiomas, pois os tradutores literários precisam ter um conhecimento quase “nativo” de ambas as línguas, o que é bastante raro. Além de entender nuances culturais, eles precisam captar o estilo, o tom e as emoções que o texto original transmite; **b)** Imersão na cultura e na literatura de ambos os países (ou regiões). Entender os contextos culturais e referências literárias em profundidade em duas culturas é um trabalho monumental, que a maioria não está disposta a enfrentar; **c)** Escolha segura: muitos tradutores literários escolhem se especializar no idioma em que têm maior fluência criativa. Por exemplo, alguém pode traduzir de um idioma estrangeiro para sua língua materna com mais naturalidade e elegância; e, por fim, **d)** Mercado: é plausível que o mercado literário de um idioma tenha mais demanda para traduções em uma direção específica. Isso influencia a experiência e a prática dos tradutores em geral.

No meu caso, a tradução do árabe para o português tem sido uma verdadeira missão nos últimos anos: disponibilizar o maior número de textos relevantes da literatura árabe contemporânea. As traduções para o árabe, como já disse, representam um desafio que gostaria de continuar enfrentando. Traduzir Clarice Lispector para o árabe, por exemplo, foi uma provocação enorme, uma experiência única. Lidar com o estilo introspectivo e experimental da escritora, que mergulhava no âmago dos personagens, por meio de um fluxo de consciência e uma linguagem em constante reinvenção, causava-me inquietações. Durante a tradução de *Água viva*, cheguei a me imaginar (ou delirar) perguntando a Clarice: “é isso que você quis dizer, é isso que sente?” Eu chegava a vê-la, me olhando de soslaio, quase com desprezo, o cigarro longo entre os dedos, como que me dizendo: “eu não sei, não me lembro, o texto é seu, vire-se, é sua vez de sofrer”.

RM

Que imagem provocativa! Somente uma libanesa que tenha o Brasil como “casa” pode atingir esse grau de intimidade com Clarice Lispector. Essa imagem justamente me remeteu ao fato dos seus trabalhos dialogarem de forma muito próxima ao feminino, na medida em que você se debruça, também, sobre diferentes escritoras árabes contemporâneas. Ainda precisamos falar de um ‘universo feminino’? O que caracteriza esse tipo de produção literária em particular e o que justifica (ainda) a criação da categoria própria de ‘literatura feminina’? Há ainda uma camada adicional: a árabe. Novamente volto aos limites...: quando o protagonismo do mundo feminino, árabe e médio-oriental significa dar espaço aos subalternos — e antes coadjuvantes — e quando isto se torna essencialismo objetificante, culturalismo ou exotismo?

SJ

Pois é, em 2019, eu traduzi dois livros para duas editoras diferentes. Foi quando me dei conta de que, de todos os livros que havia traduzido até então (mais de 10), apenas um era de uma escritora. Daí, quando comecei a colaborar com a editora Tabla, traduzir mulheres foi intencional, exatamente para preencher essa lacuna. “Literatura feminina” é uma expressão usada para se referir a obras literárias que abordam temas relacionados às experiências, perspectivas e questões de gênero ligadas às mulheres. Pode envolver narrativas escritas por autoras, focar nas vivências femininas ou explorar aspectos culturais e históricos que moldam as identidades e os papéis das mulheres na sociedade. Essa literatura — rotulada como tal — tem buscado frequentemente romper com os estereótipos, dar voz às mulheres em contextos em que elas foram historicamente silenciadas e abrir espaço para diálogos sobre igualdade, autonomia e diversidade. É somente nesse sentido que essa classificação se justifica. O conceito, no entanto, pode variar conforme o contexto cultural e acadêmico, sendo debatido tanto em sua definição quanto em suas implicações. Esse questionamento tem refletido um debate contínuo dentro da crítica literária, estudos culturais e feminismos interseccionais.

Quanto à relevância e aos desafios do conceito de “literatura feminina”, especialmente no contexto árabe, há várias camadas a se considerar. A criação e a manutenção de categorias como “literatura feminina” continuam sendo temas de debate, pois oferecem visibilidade a narrativas e vozes historicamente marginalizadas. Essa prática pode funcionar como um espaço de reconhecimento e resistência, especialmente em contextos em que as mulheres enfrentaram exclusões significativas. Contudo, é importante considerar que essa rotulação pode ser interpretada como limitadora, confinando a produção literária feminina a um nicho específico. No contexto árabe e médio-oriental, a literatura feminina destaca-se ao trazer à tona as complexas vivências das mulheres árabes, resistindo à invisibilidade cultural. Essas obras dialogam não apenas com questões de gênero, mas também com dinâmicas culturais, sociais e políticas da região. Ainda assim, existe um equilíbrio delicado entre dar espaço às vozes subalternas e evitar cair em exotificação ou reducionismo que perpetue estereótipos ocidentais sobre o “outro”. Reconhecer o protagonismo das mulheres árabes na literatura é essencial, mas deve vir acompanhado de análises sensíveis que não transformem essas narrativas em objetos de curiosidade ou exotismo. Simplificar as histórias, ignorando a diversidade de experiências, pode levar ao risco do culturalismo. Por outro lado, a literatura feminina árabe funciona como um espaço de contestação, onde autoras desafiam a posição de subalternidade histórica, reconfigurando-a e explorando os limites entre o pessoal e o político.

No fim das contas, a pergunta ressalta um ponto essencial: como equilibrar a valorização de vozes que historicamente não tiveram espaço sem, ao mesmo tempo, essencializá-las ou reduzi-las à sua identidade cultural e de gênero. Esse equilíbrio é algo que deve ser constantemente negociado, tanto pelos leitores quanto pelos críticos, e, portanto, pelos tradutores.

RM

De fato, é um dilema que ainda requer constante atenção. Se me permite, gostaria de resgatar sua trajetória pessoal como professora e tradutora, que foi de Marjeyoun, uma cidade no sul Líbano, em 1962, até a livre-docência na USP, vencedora de prêmios como o Prêmio Literário da Academia Brasileira de Letras (ABL) em 2014 e o Prêmio Sheikh Hamad for Translation and International Understanding de tradução árabe em 2019 no Catar. Além disso, você foi jurada do prestigioso Prêmio Internacional de Ficção Árabe (IPAF), em sua edição (2020/2021). Como foi essa escolha pela universidade e pela tradução? Como você vê a trajetória da sua imigração e como isso moldou — ou continua a moldar — sua identidade e seu papel na academia e fora dela?

SJ

A universidade foi, sim, uma escolha. Quando decidi ficar no Brasil, para onde tinha vindo para uma viagem que duraria três meses, comecei a pensar em continuar meus estudos, me formar e, “quem sabe, depois dar aula na USP”. Esse era o sonho e tudo que fiz desde então e ao longo de três anos foi para realizá-lo. Estudei a língua portuguesa, fiz cursinho, prestei o exame de vestibular e entrei na FFLCH da USP, no curso de Árabe. Então, posso dizer que segui uma trilha traçada, ao contrário da tradução, que acabou me puxando para sua trilha. Uma série de eventualidades contribuiu para isso. Mesmo assim, como disse antes, nunca foi um objetivo; foi algo que aconteceu em paralelo à vida acadêmica, até 2020, quando comecei realmente a encarar a tradução como um projeto, e ela passou a fazer parte do meu dia a dia.

A minha trajetória de imigração talvez tenha sido diferente da maioria. Eu fiquei porque quis. Lembro-me de que me aborrecia muito no início, quando as pessoas me diziam: “Então você fugiu da guerra para vir ao Brasil?”. Eu respondia, brava, irritada com todos os meus sotaques, que não fugi. Com o tempo, justificar meu estabelecimento nessa terra deixou de ser importante. Envolvi-me tanto nos estudos e na familiarização com o novo lar, pois mesmo tendo familiares aqui, o que, de certo modo, representou o apoio psicológico inicial necessário, e mesmo com os amigos que rapidamente fiz, continuava a me sentir na *ghurba*, um espaço e um estado de estranhamento, que eu reservava somente a mim, sem dividir minha saudade com ninguém. Essa contínua sensação de estar, ao mesmo tempo, no lugar e fora do lugar, me fez, acho eu, permanecer na fronteira, onde podia olhar para ambos os lados. Isso também foi verdade na minha carreira em uma universidade pública brasileira, ensinando língua e literatura estrangeiras: minha língua materna e a literatura por ela escrita. Isso também se refletiu nas minhas atividades fora e dentro da academia e acabou, sim, moldando minha trajetória como tradutora. Vivo em dois lugares (ou em muitos) e convivo com duas línguas e culturas por meio do contínuo desconstruir e construir de textos e contextos. Isso é uma das faces da *ghurba*, ou um de seus espelhos.

RM

Os sabores e dissabores das fronteiras... mas ao final é exatamente isto que forja a identidade. Gostaria que falasse, em sua percepção, sobre dois aspectos da língua árabe no Brasil, o acadêmico-institucional e o comercial. De um lado, fazer um balanço do 'ensinar árabe' no Brasil ou em São Paulo, mais propriamente. De outro lado, este ano você completa 33 anos lecionando na USP, correto? Como era esse ambiente, os anseios e desafios dos docentes e discentes há décadas e o que se conquistou? Como você gostaria que fossem os próximos anos?

SJ

No que se refere aos aspectos acadêmico-institucionais, que abrangem o balanço do ensino de árabe no Brasil, ou em São Paulo, e o ambiente acadêmico na USP durante os 33 anos de docência, posso dizer que o ensino da língua árabe evoluiu ao longo das últimas três décadas na universidade, durante as quais o corpo docente foi quase inteiramente renovado, o que trouxe uma injeção de ânimo e uma vontade de renovação, algo que de fato ocorreu com a reformulação do curso. Foram criadas disciplinas novas, incluindo História e Filosofia (voltadas ao Legado cultural árabe), além de estabelecer diálogos com outras instituições (por exemplo, o curso de árabe na UFRJ), e até mesmo alguns intercâmbios (mesmo com a permanente situação de instabilidade no Oriente Médio), além de um programa de pós-graduação, e posteriormente a inserção dos docentes e estudantes em programas de pós-graduação maiores na mesma faculdade. Hoje, os formados nas áreas de estudos árabes marcam sua presença em outras instituições e projetos. Isso no que se refere ao curso na USP. No entanto, tenho notícias de que em vários lugares no Brasil e, mais especificamente, em São Paulo, já existem várias entidades que oferecem cursos de língua árabe. Olhando para trás, consigo ver uma evolução importante, porém sem dúvida um tanto lenta, pois tudo que se fez dependia praticamente da vontade dos próprios docentes, sem nenhum apoio de entidades dos países árabes, diferentemente do que ocorre com as outras línguas e culturas. No entanto, há pouco tempo, começamos a perceber a aproximação de algumas instituições dispostas a contribuir com o curso de diferentes formas, e espero que isso possa ajudar a nos mantermos em atividade nos próximos anos.

Quanto ao ambiente acadêmico, só posso dizer que ele foi e continua sendo um espaço fundamental, onde as trocas entre os colegas e pares se fazem. Contudo, algumas mudanças foram se notando, como, por exemplo, o perfil do aluno, seus interesses e anseios. Durante um bom tempo, tivemos pessoas interessadas na vida acadêmica, e para isso procuravam continuar seus estudos na pós-graduação. Hoje, eu não noto nos alunos essa mesma vontade, raras são as menções a isso, tudo parece passageiro. Talvez seja uma realidade imposta pelos tempos de interesses voláteis que vivemos. Isso, sem falar nos prejuízos que a pandemia trouxe ao ambiente universitário, que promoveu forçosamente um distanciamento entre

os próprios docentes e também com os discentes, resultando na mudança de comportamento, especialmente com a introdução do convívio virtual na realidade universitária.

Em suma, em algumas áreas, após esses 33 anos de docência, algumas iniciativas superaram as expectativas, enquanto outras ficaram aquém delas. Mesmo com algumas decepções, entrar em sala de aula ainda me encanta. Espero que os próximos 33 anos testemunhem um desenvolvimento maior, bem como procura e interesse maiores pela língua, cultura e literatura árabes.

RM

De outro lado, e com isso encerro minhas perguntas, gostaria que falasse sobre o mercado para o tradutor e o perfil dos seus alunos e pesquisadores do campo. Nos últimos anos vem me fascinando o fato de que, aparentemente, somente bem recentemente o público brasileiro ‘descobriu’ a literatura árabe. É realmente curioso como por vezes há uma demanda latente, inexplorada, quase que à espera de produtos culturais que são, dali em diante, consumidos quase que de forma normalizada – e cria-se um mercado. Como você observa o interesse do público brasileiro? Isso seria possível décadas atrás? Na sua visão, há algum estranhamento nessa recepção e quais as expectativas desses leitores?

SJ

Sua pergunta abrange três aspectos comerciais importantes relacionados com: a) mercado para o tradutor; b) o interesse do público brasileiro na literatura árabe; e c) a recepção dessa literatura.

Com relação à figura do tradutor literário em geral, como foi dito antes, desde o início da diversificação das línguas, sua importância se faz necessária, mas não se compara à precisão dos tradutores nos tempos modernos, diante do mundo que se encaminha em direção ao fascismo e à brutalidade, que se alimentam da violência e da incompreensão. No contexto brasileiro, a relevância da profissão de tradutor envolvendo a língua árabe é muito grande, pelo simples fato de que os capacitados para esta atividade continuam sendo poucos, com um razoável crescimento na demanda por esse serviço. Segundo meu conhecimento, hoje, a grande maioria dos tradutores de literatura árabe, direto da língua original, no Brasil, são membros do grupo Tarjama, ou então estiveram ligados ao setor de árabe do curso de Letras da USP, seja na graduação ou na pós-graduação. Além disso, há também tradutores independentes que têm se destacado no mercado, provenientes de outros nichos.

Quanto ao interesse do público brasileiro pela literatura árabe, dois grandes eventos se destacam nesse contexto. O primeiro é o Prêmio Nobel de Literatura concedido a Naguib Mahfuz em 1988, que colocou a literatura árabe no radar global. Embora esse evento tenha acontecido há décadas, ele abriu portas para que novas gerações de leitores e tradutores explorassem autores árabes. A premiação ajudou a legitimar a literatura árabe como uma

expressão universal de experiências humanas, e contribuiu para que essa literatura entrasse no mercado brasileiro por meio de traduções diretas. Além disso, os eventos de 11 de setembro de 2001 tiveram um impacto significativo na percepção global sobre o mundo árabe e islâmico, incluindo na literatura. Nesse período, houve um aumento no interesse por narrativas que explorassem as culturas, histórias e perspectivas árabes, como forma de entender melhor as complexidades da região e combater estereótipos. No Brasil, esse contexto também influenciou a literatura árabe traduzida. Estudos apontam que houve um crescimento nas traduções de obras árabes após esse período, com um foco maior em temas que abordassem questões de identidade, política e religião. Além disso, a literatura passou a ser vista como uma ferramenta para promover o diálogo intercultural e a empatia, especialmente em um momento de tensões globais. Assim, as traduções diretas do árabe para o português foram impulsionadas por esses eventos.

Isso foi acompanhado por uma tímida mudança no mercado editorial, até que editoras independentes, como a Tabla, começaram a trazer títulos árabes para o Brasil, selecionando obras que representassem uma maior diversidade de vozes. Graças ao projeto da editora carioca, escritoras árabes, muitas vezes ignoradas no cenário global, agora encontram espaço no Brasil, oferecendo perspectivas únicas sobre temas como feminismo, família, política e religião. Esses esforços ajudam a quebrar estereótipos sobre o mundo árabe e ampliam o repertório literário dos leitores.

Um outro aspecto que tem contribuído não só para o aumento do interesse, mas também para a formação de leitores, é o espaço virtual de encontros associado ao uso de tecnologias que permitem a colaboração remota entre tradutores, resultando em mais projetos de tradução concluídos e com maior agilidade. Cresceram os “clubes de leitura” que discutem sobre literatura árabe em plataformas digitais, criando comunidades de leitores mais engajadas e conectadas. Portanto, essa “descoberta” que parece repentina vem se configurando desde os anos 80 do século passado e se intensificou durante a pandemia. Hoje vejo que muitas editoras, que antes não demonstravam interesse pela literatura árabe, têm buscado traduzir alguns títulos, visando capturar essa nova fatia de leitores. Não podemos deixar de mencionar as conjunturas políticas nesse processo, como os conflitos internos e externos, os genocídios praticados, e os efeitos da brutalidade que, mesmo filmada e vista pelo mundo, é ignorada por ele. Essa conjuntura também teve impacto no mercado e na formação de novos nichos de leitores.

Finalmente, quanto à recepção da literatura árabe, posso dizer que está em seu melhor momento, pois não enfrenta mais rejeição baseada no estranhamento. Exatamente pelos motivos mencionados anteriormente e pelas facilidades de contato entre as várias regiões do mundo, que aproximaram as regiões do Sul Global, estabelecendo pontes diretas, sem intermediação pelo Norte. Isso tem levado os leitores a consumirem esse tipo de produto cultural com menos preconceitos e deformações.

Espero que esse despertar da literatura árabe em terras brasileiras seja apenas o começo de um longo e rico convívio, como merecem tanto essa literatura quanto o leitor brasileiro. Nós tradutores continuamos tentando proporcionar essa perspectiva a ambos.

RM

Eu penso que a criação e longevidade da Revista Malala, em outro nicho editorial, também responde a estes mesmos movimentos. Para encerrarmos, você gostaria de explorar algum assunto sobre o qual não falamos ou sobre o qual a academia, o mercado ou a sociedade civil deveriam estar mais atentos?

SJ

Gostaria de chamar a atenção para dois aspectos importantes: o primeiro se refere à literatura árabe que já tem um lugar no mercado editorial brasileiro, mas que precisa ser consolidado, e aos tradutores que estão fazendo sua parte e muito bem, atuando para a compreensão, valorização e divulgação dessa literatura. O segundo aspecto se refere à importância de traduzir, publicar e consumir literatura árabe, por ser um meio de enriquecer a diversidade cultural do país, expandir horizontes e promover a evolução do discurso literário. Tenho a impressão de que estamos vivendo um momento importante na história da tradução do árabe para o português e nós, do Grupo Tarjama, nos sentimos orgulhosos por contribuirmos com uma parte da construção dessa nova realidade.

RM

Nós da Malala ficamos felizes em poder conhecer mais sobre esse trabalho e poder divulgar um pouco desse rico esforço que o grupo vem desenvolvendo. Em nome da revista muitíssimo obrigada pelo seu tempo e disponibilidade.

SJ

Em nome de todos no Grupo Tarjama, meus agradecimentos à Malala por nos abraçar.



Artigo licenciado sob Licença Creative Commons (CC-BY-NC-SA)
<https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/>